

A Formação de Configurações nas Relações Sociais na Escola.

J. L. G. MARTINS ¹

¹ Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Graduado em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie Mestre e Doutor em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC - SP. Tem experiência na área de educação, direito, administração de empresas. Docente curso de Pedagogia Área de Educação do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro – UníItalo – São Paulo – SP – Brasil.

E-mail : germano@documentbrasil.com.br

COMO CITAR O ARTIGO:

MARTINS, J. L. G... A Formação de Configurações nas Relações Sociais na Escola. **UníItalo em pesquisa**, URL: www.italo.com.br/portal/cepesq/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.6, n.1, p. 174-191, jan/2016.

RESUMO

Entendendo o espaço escolar como sendo múltiplo e heterogêneo e que as relações entre alunos não se constituem somente com base nos critérios pedagógicos de rendimento e comportamento, o presente trabalho investiga as relações sociais estabelecidas entre alunos do ensino fundamental I. São averiguados que critérios e que aspectos são privilegiados por esses alunos para o estabelecimento dessas relações sociais, nos diferentes espaços e em distintas atividades desenvolvidas no ambiente escolar. Neste recorte é utilizado o conceito de configuração de Elias, visando explicar como essas modificações ocorrem como se estabelecem e quais seus motivos. Por se tratar de uma rede de interdependências que liga os homens, formando um nexo, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes, o convívio social forma grupos de configurações específicas, não estáticas, mudando a todo momento, criando pequenas configurações, mais simples e compreensíveis, como os clientes habituais de um bar, ou configurações maiores e que não podem ser percebidas facilmente, chamadas de sociedades. Finaliza Edwards (1997) , ao ressaltar que as relações sociais que se desenvolvem no meio escolar estão diretamente relacionadas com diferentes momentos dos alunos, envolvendo sentimentos, emoções, ou seja, sua afetividade e ainda as comunicações lúdicas que ocorrem nos espaços para as brincadeiras.

Palavras-chave: interação social entre alunos – ensino fundamental - configurações sociais.

Entendendo o espaço escolar como sendo múltiplo e heterogêneo e que as relações entre alunos não se constituem somente com base nos critérios pedagógicos de rendimento e comportamento, o presente trabalho investiga as relações sociais estabelecidas entre alunos do ensino fundamental I. São averiguados que critérios e que aspectos são privilegiados por esses alunos para o estabelecimento dessas relações sociais, nos diferentes espaços e em distintas atividades desenvolvidas no ambiente escolar. Neste recorte é utilizado o conceito de configuração de Elias, visando explicar como essas modificações ocorrem como se estabelecem e quais seus motivos. Por se tratar de uma rede de interdependências que liga os homens, formando um nexo, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes, o convívio social forma grupos de configurações específicas, não estáticas, mudando a todo momento, criando pequenas configurações, mais simples e compreensíveis, como os clientes habituais de um bar, ou configurações maiores e que não podem ser percebidas facilmente, chamadas de sociedades. Finaliza Edwards (1997) , ao ressaltar que as relações sociais que se desenvolvem no meio escolar estão diretamente relacionadas com diferentes momentos dos alunos, envolvendo sentimentos, emoções, ou seja, sua afetividade e ainda as comunicações lúdicas que ocorrem nos espaços para as brincadeiras.

Palavras-chave: interação social entre alunos – ensino fundamental - configurações sociais.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de mostrar dentro da escola, como as interações sociais surgem de formas diferentes em espaços sociais diferentes. Assim podemos dizer que, dependendo do espaço social onde se encontrem os alunos, existe uma grande possibilidade de que as formas que as interações sociais se estabelecem também variem e assim, assumam características diversas. O assunto foi escolhido principalmente levando-se em conta a pequena quantidade de trabalhos que têm como foco as relações sociais entre alunos na escola. Nesse sentido cabe lembrar a pesquisa realizada por Bueno (2004), referindo-se a um balanço das dissertações e teses na área da educação, que ao restringir seu trabalho ao campo temático “alunos” pode verificar que, das 3.498 produções que se voltaram sobre a escola, apenas 453 delas tiveram como único foco os estudantes. Dentro desse campo temático denominado de “alunos”, verificou-se que apenas 7,7% dos trabalhos tinham como interesse a socialização do espaço escolar. Dessa forma, busca-se entender de que forma essas configurações ocorrem, em quais espaços escolares e como podem ser analisadas, no intuito de perceber que existem rejeições ou preferências nessas relações baseadas nas formações que se criam e como se modificam.

2 DESENVOLVIMENTO

Visando explicar como essas modificações ocorrem, como se estabelecem e quais seus motivos, nos valeremos do conceito de configuração de Elias (1990, 1994, 2000, 2005 e 2006).

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.6, n.1 janeiro 2016

O autor inicialmente explica que há uma tendência das pessoas sentirem que se encontram isoladas, que não participam das coisas externas e que esse isolamento é que as identifica como sendo pessoas diferentes das demais com as quais convivem. Têm assim uma dificuldade em perceber que existe uma interdependência entre os indivíduos desde o início de sua vida. Têm problemas ainda em conceber a existência de uma autonomia relativa e que durante a vida formam configurações mutáveis entre si.

Uma vez que a primeira percepção de si mesmo parece auto-evidente para aqueles que a aceitam, eles não podem facilmente levar em conta fatos que demonstram que esse tipo de percepção está por definição limitado a sociedades particulares, que surge em conjunto com certos tipos de interdependência, de laços sociais entre pessoas – em suma, que é uma peculiaridade estrutural de um estágio específico do desenvolvimento da civilização, correspondendo a um estágio específico de diferenciação e individualização de grupos humanos. Se crescemos em um desses grupos, não podemos facilmente imaginar que possa haver pessoas que não se vivenciam dessa maneira, como indivíduos inteiramente auto-suficientes, isolados de todos os demais seres e coisas (ELIAS, 1990, p. 238).

Essa autopercepção do homem parece ser normal e comum, um sintoma do estado humano eterno, da maneira que todos os seres humanos se sentem. A concepção desse indivíduo como *homo clausus*, como um ser que porta um pequeno mundo particular dentro dele mesmo, como um ser existente de forma independente do mundo externo, determina a imagem do homem em geral. O homem se vendo dessa forma, vê a todo outro ser humano como um outro *homo clausus*. Sente como se seu núcleo, seu verdadeiro eu, estivesse separado de tudo que lhe é externo por uma longa parede invisível, incluindo nessa

exterioridade todos os demais seres humanos.

A natureza dessa parede em si, porém, quase nunca é examinada e nunca é devidamente explicada. Será o corpo o vaso que contém fechado em si o ser verdadeiro? Será a pele a fronteira entre o “interno” e o “externo”? O que, no homem, é a cápsula e o que é o conteúdo? A experiência do “interno” e do “externo” parecem tão auto-evidentes que essas questões raramente são colocadas; aparentemente não requerem exame ulterior. O indivíduo se satisfaz com a metáfora espacial de “interno” e “externo”, mas não faz nenhuma tentativa séria de localizar o “interior” no espaço. Embora essa omissão em investigar cada uma de suas próprias pressuposições dificilmente seja apropriada ao procedimento científico, tal imagem preconcebida do *homo clausus* domina o palco não só na sociedade em geral, mas também nas ciências humanas (ELIAS, 1990, p. 238, grifos do autor).

O autor explica ainda que enquanto o conceito de indivíduo estiver ligado a uma autopercepção do *ego* como se estivesse fechado dentro de uma gaiola, não é possível a concepção de uma ideia de sociedade que não fosse um conjunto de substâncias sem parte, que se agregadas a outras substâncias podem constituir algo real. A ideia de um conjunto de pessoas agindo de forma totalmente independente é um produto artificial do homem, relativo a um momento do desenvolvimento de sua autopercepção, “[...] dependendo parcialmente de uma confusão de ideias e fatos e, até certo ponto, da materialização de mecanismos de autocontrole individuais – da separação dos impulsos emocionais individuais frente ao aparelho motor, do controle direto sobre os movimentos corporais e as ações” (ELIAS, 1990, p. 248).

Essa interdependência entre as pessoas, apesar de bem menos atraente, tem vencido na era moderna, a ideia da existência de um *homo clausus*, apesar de não conseguir apagar por completo a experiência centrada no *ego*, de uma parede invisível, separando o

mundo interior de cada de um mundo exterior. O autor substitui então a idéia do homem como sendo uma personalidade fechada, por uma personalidade aberta, que possui um maior ou menor grau de autonomia em relação a outras pessoas, mas que durante toda sua vida é necessariamente orientada por outras pessoas. A rede dessa interdependência é exatamente o que os liga e formam um nexos que o autor chama de “configuração”, ou seja, “uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes” (ELIAS, 1990, p. 249).

O autor explica que o conceito de figuração e configuração não pode ser pensado sem incluir de forma expressa os seres humanos em sua formação, já que somente os seres humanos conseguem formar figurações uns com os outros, sendo que:

[...] o modo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e sempre co-determinado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos (ELIAS, 2006, p. 25).

Elias (2006) deixa claro que sem a apropriação dos símbolos como uma língua especificamente social, não poderiam os seres humanos se orientar em seu mundo e nem conseguiriam se comunicar entre si. A criação de um indivíduo jovem dentro do sistema de figurações humanas, experienciando esse aprendizado e suas autorregulações é condição indispensável rumo à humanidade. Assim, cada ser humano se assemelha aos outros e é ao mesmo tempo diferente dos demais.

A dependência existe como configurações, inicialmente de forma biológica e posteriormente, por meio da aprendizagem social, da

educação, da socialização e necessidades que vão sendo criadas durante o convívio social (ELIAS, 1990). Biologicamente falando, Elias (2006) explica que o ser humano não tem outra substância a não ser um ser humano gerado por mães e pais e isso faria da sociedade um simples aglomerado dessas pessoas. Com o aprendizado social, promove uma interdependência fundamental uns dos outros, formando grupos com figurações específicas. Esta é a razão pela qual não se pode conceber o homem à imagem de um homem individual, sendo muito mais apropriado imaginar essa imagem como de numerosas pessoas que dependem umas das outras, formando grupos ou sociedades diferentes entre si e continua:

o conceito de configuração foi introduzido exatamente porque expressa mais clara e inequivocamente o que chamamos de “sociedade” que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, sem um “sistema” ou “totalidade” para além dos indivíduos, mas na rede de interdependências por eles formada. Certamente é possível falar de um sistema social formado de indivíduos. Mas as conotações associadas ao conceito de sistema social na sociologia moderna fazem com que pareça forçada essa expressão. Além do mais, o conceito do sistema é prejudicado pela idéia correlata de imutabilidade (ELIAS, 1990, p. 249, grifos do autor).

Elias (1990) dá como exemplo de configuração as danças de salão. A imagem que se forma é de pessoas interdependentes na pista de dança e podemos ainda imaginar Estados, cidades, famílias e demais sistemas sociais como configurações. As mesmas configurações podem ser “dançadas” por pessoas diversas, mas sem que haja uma pluralidade de indivíduos que estejam agindo de forma interdependente, não haverá “dança”. Essas configurações não são estáticas, elas

mudam todo momento, tanto em pequenas configurações, como o exemplo da dança, “[...] professores e alunos numa aula, médico e doentes num grupo terapêutico, clientes habituais num bar, crianças num infantário [...]” (ELIAS, 2005, p. 143), como nas maiores, chamadas de sociedades. Mostra que os grupos menores e mais simples constituem configurações relativamente compreensíveis. Já configurações maiores não podem ser percebidas de forma fácil e direta pelos membros de uma cidade ou nação, por exemplo, pois as cadeias de interdependência que os ligam são maiores e mais diferenciadas. Essas configurações mais complexas devem ser abordadas indiretamente e ser compreendidas analisando-se os elos de sua interdependência

O autor ainda dá como exemplo quatro pessoas sentadas ao redor da mesa para jogar cartas, formando assim uma configuração. Suas ações se tornam interdependentes e possuem certa autonomia, já que o jogo pode ser mais lento ou mais rápido, por exemplo. Esse padrão mutável criado pelo conjunto desses jogadores é uma configuração. Nesse exemplo podemos perceber que esta configuração forma um entrelaçamento flexível das tensões e a interdependência prévia dos jogadores, que é necessária para que se dê a configuração e pode ser formada por aliados ou adversários (ELIAS, 2005).

Quanto à relação de poder que está implícita dentro das configurações, o autor explica que “há um equilíbrio flutuante elástico e um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinándose primeiro para um lado e depois para o outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural do fluxo de cada configuração” (ELIAS, 2005, p.143).

Percebe-se que nas formações sociais, existem grupos de

Unifalco em Pesquisa, São Paulo SP, v.6, n.1 janeiro 2016

peessoas que se acham mais poderosas e melhores que os outros e que se utilizam de meios para impor a crença de sua superioridade humana com relação aos demais. Nos meios sociais, as pessoas tentam se diferenciar entre si, por outros meios que não somente pela nacionalidade, ascendência étnica, cor, raça, tipo de educação, nível educacional, ou seja, por sua classe social.

A coesão dos membros de um grupo, embasada em características que atribuem a si próprios, acaba por excluir os demais membros que não preenchem suas expectativas e os estigmatizam, usando esses meios como armas poderosas para que o grupo preserve sua identidade e afirme sua superioridade, colocando os demais firmemente em seu lugar. Atribuem assim, aos demais, características ruins e mantém, para si, uma auto-imagem exemplar, como se fossem os melhores membros do grupo. Tal assertiva pode ser verificada pela leitura da citação abaixo.

Atualmente há uma tendência de se discutir o problema da estigmatização social como se ele fosse uma simples questão de pessoas que demonstram, individualmente, um despreço acentuado por outras pessoas como indivíduos. Um modo conhecido de conceituar esse tipo de observação é classificá-la como preconceito. Entretanto, isso equivale a discernir apenas no plano individual algo que não pode ser entendido sem que se o perceba, ao mesmo tempo, no nível do grupo. Na atualidade, é comum não se distinguir a estigmatização grupal e o preconceito individual e não relacioná-los entre si. [...] Portanto, perde-se a chave do problema que costuma ser discutido em categorias como a de “preconceito social” quando ela é exclusivamente buscada na estrutura de personalidade dos indivíduos. (ELIAS, 2000, p. 23, aspas do autor).

O autor explica ainda que um grupo só pode estigmatizar outro de maneira eficiente se este se encontrar instalado em posições de poder

das quais o grupo estigmatizado é excluído. A permanência de posição privilegiada desse grupo permite a permanência do estigma de desonra imputado aos demais membros do grupo. Nessa situação, o estigma social que é imposto costuma penetrar na auto-imagem dos estigmatizados, enfraquecendo-os e desarmando-os, surtindo um efeito paralisante nos grupos de menor poder. A auto-imagem e a auto-estima de um indivíduo estão atrelados ao que os demais membros do grupo pensam dele. Esse mecanismo de estigmatização só pode ser entendido por meio de um exame rigoroso do papel desempenhado pela imagem que cada pessoa faz da posição de seu grupo entre outros, e de seu próprio *status* como membro desse grupo. Dessa forma, os grupos de maior poder ligam sua superioridade a um sinal de valor humano mais elevado, fazendo com que os demais grupos acabem se submetendo, vivenciando sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana.

Por vezes esse estigma é tão grande, que os membros do grupo podem evitar qualquer contato social mais estreito, por medo de serem associados aos demais não aceitos, como se fossem poluir sua imagem, correndo o risco de ter seu status rebaixado dentro do grupo e perder a consideração dos demais membros, pois talvez não pareça mais compartilhar do valor humano superior que os distingue dos demais. O poder de ferir depende da consciência que tenham o usuário e o destinatário de que a humilhação empregada tem a permissão de um grupo poderoso, em relação a um destinatário de um grupo de menor poder. É necessário complementar tal pensamento com o fato de que em qualquer esfera da vida humana, alguns indivíduos possuem um poder maior que os outros, encontrando-se então habilitados para impor condições do que considera ideal aos demais.

Finalmente, o autor afirma que as configurações “[...] limitam o âmbito das decisões do indivíduo e, sob muitos aspectos, têm uma força coercitiva, ainda que esse poder não resida fora dos indivíduos, como muitas vezes se leva a crer, mas resulte meramente da interdependência entre eles” (ELIAS, 1994, p. 185).

Como dito pelo autor acima, as configurações e seus aspectos coercitivos, por vezes acabam criando situações de estigmatização de grupos ou pessoas, pelo fato de não se adaptarem a determinados padrões esperados.

São utilizados também os estudos de outros autores que tratam das interações sociais entre alunos que ocorrem dentro da escola.

Para Sarmiento (2004), o que ocorre na escola, na realidade, é uma configuração do ofício de ser criança, e que estas configurações são intimamente ligadas à atividade escolar, ressaltadas por seus traços comportamentais, diretamente ligados ao desempenho ativo de papéis sociais que lhes são imputados. Existe um esforço normalizador e homogeneizador, que acaba por criar uma infância global, mas que não anula as desigualdades inerentes à condição social, ao gênero, à etnia, ao local de nascimento e residência e ao subgrupo etário que cada criança pertence. Existem várias infâncias dentro de cada infância, cada uma delas com suas configurações que lhes são próprias.

Seguindo na direção de mostrar a importância das atividades escolares nas formas de socialização e na formação do “ser criança”, ao falarmos em relações sociais entre as crianças, devemos pensar que essa socialização se desenvolve desde o nascimento do indivíduo, pois este se constitui como um ator social sempre em relação a outros, mediado pelas significações sociais de seu mundo. Os sujeitos são influenciados de maneiras diferentes, pois apesar de suas conquistas

serem permanentes, são desiguais em relação às diferentes dimensões do indivíduo, como por exemplo: a política, a pessoal, a de trabalho, etc. A identidade do sujeito é multifacetária e incoerente, podendo dizer que são heterogêneos entre si, mesmo pertencendo ao mesmo grupo social e considerando que se encontram determinados pelas mesmas estruturas (EDWARDS, 1997).

A autora, ao se referir especificamente aos alunos, mostra que:

desenvolvem a partir de si mesmos um modo de se relacionar, estabelecem uma ordem de relações que frequentemente é vista de fora como desordem, ruído ou caos na sala de aula. Esta é formada por meios de comunicação violentos que aparecem como legítimos e necessários, como uma forma possível que assume a expressão de sentimentos e emoções, e também pelas formas de comunicação lúdicas que as crianças chamam de relax. Por meio desse tipo de comunicação verbal e não-verbal, emotiva e racional, que ocorre de modo espontâneo entre os colegas, elas vão construindo conhecimentos e gerando visões de mundo compartilhadas. Vão se constituindo como sujeitos inventando, assumindo, desarmando as normas do sendo comum local. Essa interação espontânea mostra também como o processo de conhecer das crianças se dá imbricado no emocional e no afetivo (EDWARDS, 1997, p. 17).

Explica que essas relações sociais que se desenvolvem no meio escolar estão diretamente relacionadas com diferentes momentos dos alunos, envolvendo sentimentos, emoções, ou seja, sua afetividade e ainda as comunicações lúdicas que ocorrem nos espaços para as brincadeiras.

Para Edwards (1997), a atividade, a autonomia, o envolvimento no processo de autoconstrução e apropriação de conhecimentos, a incoerência que se expressa nessas práticas, são dimensões constitutivas deste sujeito educativo denominado aluno. Nesse patamar se torna efetiva a construção de conhecimentos que as

crianças realizam entre elas nas interações informais, aparecendo a complexidade dos conhecimentos que elas constroem, a maneira como explicam o mundo, de como expressam a apropriação de conhecimentos locais e genéricos e que expressam ainda pontos de vista opostos à cultura dominante.

Como visto, a constituição do sujeito social depende de sua interação com o mundo e a escola é de vital importância para esse desenvolvimento. Dentro da sala de aula ocorre uma série de relações e são utilizadas muitas estratégias pelos alunos com o objetivo de obterem uma posição dentro do grupo social que visam ingressar. Os sujeitos desenvolvem ações e expressões que são usadas para “jogar” com seus pares, na tentativa de ingresso no grupo, visando uma ascensão em sua posição social junto a seus colegas e a manutenção do ganho alcançado.

Sarmento (2004) explica que o mundo da criança é muito heterogêneo, na medida em que ela entra em contato com várias realidades diferentes, das quais aprende seus valores, adquire novas estratégias que contribuirão para a formação de sua identidade pessoal. Para tal, é influenciada pela família, pelas relações que estabelece na escola e com seus pares, e ainda outras atividades sociais que venha a desempenhar. A aprendizagem é baseada na interatividade, ou seja, ela se efetiva, antes de mais nada, pelo convívio com as demais crianças naqueles espaços em que mantém contato. É dessa forma que se criam as culturas de pares, ou seja, um conjunto de atividades e rotinas, materiais e valores que as crianças produzem e partilham entre si.

A cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia. A convivência com os seus pares através de rotinas e da realização de atividades, permite-

lhe exorcizar medos, representar fantasias e cenas do cotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com experiências negativas. Esta partilha de tempos, ações, representações e emoções é necessária para um mais perfeito entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento (SARMENTO, 2004, p.24-25).

O autor enfatiza a importância da relação entre pares para a criança, pois somente com essa convivência ela poderá apreender e reproduzir o meio social que se encontra inserida e ainda é essencial para entender melhor o mundo e para seu desenvolvimento como sujeito que integra um sistema social.

Sarmiento (2004) ressalta, ainda, que é dentro dessa cultura de pares que as crianças realizam todo um conjunto de ações, sempre associando a palavra “amigo” com os companheiros com quem realizam suas atividades mais constantes e ainda defendem esse espaço de outras crianças que se encontram do lado de fora de seu grupo de amigos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando entender como se processam as interações, em diferentes momentos da vida escolar, esta pesquisa se apoiou nas contribuições de Elias (1990, 1994, 2000, 2005 e 2006), especialmente no conceito de “configurações” partindo do princípio que, de acordo com o momento e tipo de atividade em que se encontrem os alunos, é provável que as formas das relações assumidas entre eles variem, assumindo características diversas.

A rede de interdependência é o que liga e dá sentido aquilo que Elias chama de “configuração”, conceituada como uma estrutura de indivíduos reciprocamente orientados e que dependem uns dos outros. O convívio social forma grupos de configurações específicas, não estáticas, mudando todo momento, criando pequenas configurações, mais simples e compreensíveis, ou configurações maiores e que não podem ser percebidas facilmente.

Desta forma, se a instituição escolar não é unicamente um mero lugar de passagem em que a criança se prepara para o mundo adulto, mas um dos poucos espaços sociais de uma cidade tão pouco planejada para oferecer equipamentos públicos em que a criança possa conviver com seus pares, as investigações sobre as relações que se estabelecem entre os alunos são imprescindíveis, mas não suficientes para procurar compreender essa complexa instituição escolar.

REFERÊNCIAS

BUENO, J. G. S. **O aluno como foco das investigações sobre a escola:** tendências das dissertações e teses defendidas nos programas de Pós-Graduação em Educação. 1981/1998. *Anais da XII ENDIPE*. Curitiba, ENDIPE, 2004.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____ **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____ **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____ **Introdução à sociologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2005.

_____ **Escritos e ensaios**: 1. Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

EDWARDS, V. Introdução. In: EDWARDS, V. **Os sujeitos no universo da escola**. São Paulo: Ática, 1997.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J. & CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Asa, 2004.